

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

LÍNGUA, GESTO E VISÃO: ATUALIDADES EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS DE LÍNGUAS DE SINAIS NO BRASIL

No começo era o movimento. Era o homem de pé, na Terra. Buscava um ponto de apoio. Uma espécie de parapeito contra esse tumulto que abalava os seus ossos e a sua carne. Então a linguagem nascia num relâmpago, os sons combinavam-se, um clarão, as mãos no ar gesticulavam significados, as palavras encadeavam-se, os sentidos incendiavam. A vida transbordava.

José Gil (2001)

Durante a organização deste dossiê, ficou claro que a diversidade e a complexidade das pesquisas em linguística das línguas de sinais seriam refletidas na ordenação dos artigos. Os trabalhos selecionados oferecem um panorama abrangente das principais correntes teóricas e metodológicas que têm moldado o campo, especialmente no contexto das línguas de sinais. Essa pluralidade de enfoques não apenas ilustra a riqueza do campo, mas também contribui para a consolidação e avanço do conhecimento linguístico. Cada artigo, ao explorar desde questões analíticas até aspectos sócio-históricos, constrói uma visão integrada das múltiplas facetas dessa investigação, proporcionando ao leitor uma compreensão mais ampla das complexidades que envolvem os estudos de línguas de sinais no Brasil.

Os estudos linguísticos das línguas de sinais aqui apresentados abrangem uma ampla gama de questões, desde análises formais e descritivas até abordagens interdisciplinares e filosóficas. Tais estudos são fruto da superação de uma série de desafios que refletem a complexidade intrínseca dessas línguas e as particularidades das comunidades que as utilizam. Entre os principais desafios está a diversidade e a complexidade das questões abordadas, que variam desde análises formais e descritivas até abordagens epistemológicas interdisciplinares e filosóficas. Ao investigar a estrutura das línguas de sinais, os pesquisadores também precisam enfrentar temas fundamentais como a origem da linguagem e a predominância histórica das línguas vocais e sonoras. O fonocentrismo, que por muito tempo relegou as línguas de sinais a um papel secundário, ainda influencia as práticas acadêmicas e dificulta a plena aceitação dessas línguas como objetos de estudo legítimos (Paulino, 2024)¹.

Além disso, a crescente visibilidade das línguas de sinais na academia, especialmente no Brasil, onde políticas linguísticas têm sido implementadas em universidades públicas para promover a inclusão de pesquisadores surdos, traz consigo uma série de tensões. As línguas de sinais precisam se adequar às normas e expectativas dos contextos acadêmicos formais, que muitas vezes não estão preparados para acomodar as especificidades dessas línguas. Isso resulta em barreiras significativas para que as produções científicas dos pesquisadores surdos sejam devidamente reconhecidas e valorizadas (Stumpf; Quadros, 2024). As práticas de estudos linguísticos e tradutológicos que promovem a aproximação entre diferentes línguas de sinais, como a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e outra língua de sinais, como por exemplo, a LSE – Língua de Sinais Espanhola (Reis; Pereiro; Quadros, 2024) afirma uma prática de estudo extremamente relevante, especialmente quando comparada ao extenso corpo de estudos linguísticos ancorados

¹ Cf.: Todas as referências utilizadas nesta apresentação apontam para os textos publicados pelos respectivos autores neste volume da *Fórum Linguístico*.

no contraste com línguas orais. Os desafios institucionais também se manifestam na forma de obstáculos metodológicos e tecnológicos. A documentação e análise das línguas de sinais frequentemente exigem o uso de ferramentas tecnológicas, como o software ELAN, que permite a transcrição e análise detalhada de dados em Libras. No entanto, essas tecnologias, originalmente desenvolvidas para línguas orais-auditivas, têm limitações quando aplicadas a línguas visuais-espaciais. A necessidade de adaptar essas ferramentas para capturar adequadamente as nuances da comunicação visual-espacial é um desafio contínuo que exige inovação e flexibilidade por parte dos pesquisadores (Luchi; Quadros, 2024; Soares, 2024).

A adaptação das práticas acadêmicas para incluir as línguas de sinais e as experiências surdas é um desafio crítico. A análise sintática das línguas de sinais, como exemplificado pelos estudos sobre sentenças encaixadas e dêitico-anafórico, destaca a complexidade envolvida na identificação e descrição de estruturas sintáticas específicas em uma língua visual-espacial. A comparação entre a Libras e outras línguas de sinais revela os desafios na adaptação de teorias e metodologias originalmente desenvolvidas para línguas orais-auditivas, exigindo abordagens inovadoras que levem em conta as particularidades das línguas de sinais (Rocha; Ludwig; Quadros, 2024; Reis; Pereiro; Quadros, 2024).

Outro aspecto crucial é a necessidade de romper com o fonocentrismo que historicamente privilegiou as línguas orais-auditivas como as únicas formas legítimas de comunicação (Paulino, 2024; Linhares, 2024). Estudos sobre coesão gramatical na Libras, por exemplo, demonstram como a gestualidade é uma forma rica e complexa de linguagem, comparável às línguas orais em termos de expressividade e capacidade comunicativa (Soares, 2024). Contudo, essa riqueza é muitas vezes subestimada, tanto na academia quanto fora dela, o que sublinha a necessidade de uma mudança de paradigma na forma como as línguas de sinais são percebidas e estudadas.

A mobilidade de sujeitos e coletivos surdos em diferentes contextos sociais e culturais gera práticas linguísticas únicas que devem ser compreendidas e valorizadas em suas particularidades. Essas práticas refletem as condições específicas de vida das comunidades surdas, que frequentemente são marginalizadas ou invisibilizadas pelas abordagens tradicionais. A epistemologia surda, entendida como a relação única entre os sujeitos surdos e a academia, desafia as concepções tradicionais de conhecimento e sublinha a importância de valorizar os saberes únicos desses sujeitos. As produções científicas de pesquisadores surdos são frequentemente marginalizadas ou não recebem o mesmo reconhecimento que as de seus pares ouvintes, o que sublinha a importância de lutar por uma inclusão verdadeira e uma reconfiguração das práticas acadêmicas (Stumpf; Quadros, 2024; Linhares, 2024).

A necessidade de uma epistemologia que reconheça e valorize os saberes surdos é, portanto, um desafio constante nas investigações acadêmicas. A crescente visibilidade das línguas de sinais na academia traz à tona questões críticas sobre a epistemologia surda, que desafia as concepções tradicionais de conhecimento ao centrar as experiências visuais e culturais dos surdos. Essa epistemologia sublinha a necessidade de uma ciência que não apenas afirme a identidade surda, mas também revele o valor único dos saberes surdos, que frequentemente oferecem perspectivas invisíveis ou marginalizadas nas abordagens convencionais (Quadros; Luchi, 2024).

Por fim, os desafios que acompanham essa inclusão reforçam a importância de um planejamento linguístico que respeite e amplie a acessibilidade para as línguas de sinais, permitindo que as vozes e saberes surdos sejam devidamente reconhecidos e valorizados na academia e além dela (Quadros; Stumpf, 2024; Paulino, 2024). As experiências e desafios enfrentados pelos pesquisadores surdos, ao longo de suas trajetórias acadêmicas, são fundamentais para a construção de uma epistemologia que integre essas vivências e que contribua para o avanço das pesquisas em linguística das línguas de sinais no Brasil e no mundo (Stumpf; Quadros, 2024; Linhares, 2024; Albuquerque, 2024).

Em última análise, fazer ciência no campo das línguas de sinais envolve enfrentar e superar uma série de barreiras, desde metodológicas até epistemológicas. A necessidade de adaptação das práticas acadêmicas e a valorização dos saberes específicos das comunidades surdas são fundamentais para o avanço do conhecimento nesse campo. O campo linguístico precisa situar-se não apenas como uma unidade de saber, mas como um espaço que abriga fenômenos que transcendem as línguas e atravessam os campos e instituições de conhecimento, frequentemente delimitados como "da linguagem" (Linhares, 2024; Albuquerque, 2024). A pesquisa linguística, desde fundamentos epistemológicos até abordagens interdisciplinares, deve expandir-se para compreender os

objetos de estudo de forma tridimensional, superando as limitações de áreas fechadas em si (Paulino, 2024). A integração das línguas de sinais como objetos de estudo legítimos é essencial para a evolução da linguística como um todo, e para garantir que as contribuições das comunidades surdas sejam plenamente reconhecidas e valorizadas na academia. Os textos deste dossiê demonstram a pluralidade e a riqueza dos estudos em linguística das línguas de sinais, refletindo as especificidades dessas línguas e os desafios enfrentados pelos pesquisadores no contexto acadêmico brasileiro, especialmente no cenário atual.

A ordenação dos estudos apresentados neste dossiê segue uma progressão deliberada, começando com análises linguísticas que se concentram na descrição e análise dos modos de funcionamento das línguas de sinais, com um enfoque particular na Língua Brasileira de Sinais (Libras). Esses trabalhos iniciais exploram aspectos formais das línguas de sinais, oferecendo descrições detalhadas sobre como essas línguas operam em termos de estrutura, coesão e sintaxe. Assim, a sequência dos textos reflete uma jornada intelectual que vai do específico ao geral, do formal ao cultural, oferecendo ao leitor uma visão abrangente do estado atual dos estudos em linguística das línguas de sinais. Cada trabalho, em seu contexto, contribui para a compreensão desse campo de estudo, ao mesmo tempo em que desafia as abordagens convencionais e propõe novas maneiras de pensar sobre a linguagem.

Marianne Rossi Stumpf e **Ronice de Müller Quadros**, ambas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), assinam o artigo intitulado *omunidade Surda Acadêmica: produção escrita por surdos com assessoria textual do tradutor de Libras e Língua Portuguesa*. O texto se insere na área de política e planejamento linguístico e aborda as situações enfrentadas por pesquisadores surdos ao produzirem textos acadêmicos em Língua Portuguesa. As autoras refletem sobre a necessidade de garantir o acesso a direitos linguísticos que viabilizem a presença e a produção científica dos surdos na academia. O estudo destaca a importância da institucionalização do serviço de assessoria textual bilíngue, realizada por tradutores e intérpretes de Libras e Português, como uma medida essencial para o reposicionamento estratégico dos pesquisadores surdos na produção acadêmica. Além disso, o artigo explora o impacto dessa prática na superação das barreiras enfrentadas pelos surdos ao publicarem em uma língua que não é sua primeira língua, contribuindo assim para a circulação e o reconhecimento dos saberes surdos na comunidade científica.

O artigo *Coesão Gramatical na Libras: em foco o tipo substituição*, de **Charley Pereira Soares**, professor na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), aborda o funcionamento da coesão gramatical na Língua Brasileira de Sinais (Libras), com especial atenção ao mecanismo de substituição. Soares utiliza uma metodologia qualitativa para examinar narrativas em Libras provenientes do Corpus da Libras, organizado pela Universidade Federal de Santa Catarina. A pesquisa destaca como a coesão por substituição, incluindo o uso do *role shift*, desempenha um papel fundamental na clareza e compreensão dos textos sinalizados, oferecendo novas perspectivas sobre os recursos linguísticos que estruturam a coesão textual na Libras.

Amanda Oliveira Rocha, **Carlos Roberto Ludwig** e **Ronice Müller de Quadros** assinam o artigo *Sentenças Encaixadas na Libras*, que se propõe a analisar as orações encaixadas na Língua Brasileira de Sinais (Libras). O estudo foca em sentenças relativas restritivas, substantivas subjetivas e substantivas objetivas, explorando como essas estruturas complexas são articuladas na Libras, com ênfase em marcadores manuais e não-manuais. A pesquisa utiliza dados do Corpus de Libras e emprega o software ELAN para a análise detalhada das unidades oracionais complexas. O artigo contribui para o entendimento das especificidades sintáticas da Libras, destacando o papel das marcações não-manuais, como movimentos de sobrelance e inclinação do tronco, na sinalização de dependências sintáticas em sentenças encaixadas.

Leidiane da Silva Reis, **María del Carmen Cabeza Pereiro** e **Ronice Müller de Quadros** apresentam o artigo intitulado *Dêitico-anafórico na Língua Brasileira de Sinais e na Língua de Sinais Espanhola: um estudo comparativo*. O trabalho realiza uma análise comparativa entre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua de Sinais Espanhola (LSE), explorando as semelhanças e diferenças na construção do dêitico-anafórico em ambas as línguas. Baseando-se nos pressupostos teóricos da referenciação em línguas de sinais, as autoras examinam como esses elementos referenciais são utilizados para manter a coesão e a coerência nos discursos sinalizados. Os dados para a análise foram extraídos de um corpus multilíngue, composto por gravações de entrevistas semiestruturadas com colaboradores surdos do Brasil e da Espanha. O estudo revela que, embora cada língua use estratégias próprias, há uma notável similaridade no processo referencial entre a Libras e a LSE, especialmente no que diz respeito à relação simultânea entre dêixis e anáfora, demonstrando um hibridismo discursivo referencial.

O artigo *Descrições imagéticas presentes no corpus da Libras*, de autoria de **Marcos Luchi** (UFSC) e **Ronice Müller de Quadros** (UFSC), explora a presença e a função das descrições imagéticas em narrativas sinalizadas na Língua Brasileira de Sinais (Libras). A pesquisa faz uso do Corpus da Libras, focando em como sete mulheres surdas de referência empregaram descrições imagéticas ao narrar um trecho do filme "O Garoto" (*The Kid*) de Charlie Chaplin. Através da transcrição dos vídeos utilizando o software ELAN, os autores identificaram e analisaram diferentes tipos de transferências – de tamanho, forma, espaço, localização, movimento e incorporação – que contribuem para a construção das descrições imagéticas na Libras. O estudo destaca a alta produtividade e a diversidade dessas descrições, abrindo novas perspectivas para a pesquisa sobre a iconicidade e a riqueza visual da Libras.

Thiago Ramos de Albuquerque, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), apresenta o artigo intitulado *Atitude Linguística: aceitabilidade de sinais no Enem em Libras*. Neste estudo, Albuquerque investiga as atitudes linguísticas expressas por surdos sinalizantes em relação aos sinais-termo utilizados na videoprova de Ciências da Natureza do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) em Libras no ano de 2018. A pesquisa, de natureza quanti-qualitativa, baseia-se na análise das opiniões dos participantes, coletadas por meio de questionários on-line e entrevistas, e classifica essas atitudes em quatro categorias principais. O artigo revela como as crenças, valores e vivências socioculturais dos participantes influenciam suas percepções e a aceitabilidade dos sinais-termo, destacando o papel do aspecto semântico na compreensão e validação dos sinais utilizados na videoprova. Albuquerque também aborda as dificuldades de inteligibilidade dos sinais, apontando para a necessidade de uma maior precisão e clareza na produção dos enunciados em Libras para exames de grande escala.

Ramon Santos de Almeida Linhares, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), apresenta o artigo intitulado *O que os olhos não veem: ideologias linguísticas e os imaginários comunicacionais em comunidades surdas sinalizantes*. Este estudo explora como os fenômenos comunicacionais entre coletivos surdos sinalizantes são ideologicamente orientados, analisando a formação e a circulação de ideologias linguísticas tanto no interior das comunidades surdas quanto em instituições externas. Linhares discute a maneira como essas ideologias moldam as práticas de linguagem e as políticas relacionadas às línguas de sinais, com foco especial nas ideologias linguísticas internas e externas às comunidades surdas. O artigo destaca a importância das investigações socio-pragmáticas para entender os conflitos que ainda permeiam as epistemologias e ontologias relacionadas às práticas de linguagem dos surdos.

Elias Paulino da Cunha Júnior, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), apresenta o artigo intitulado *História e Historiografia das Línguas: Libras é uma Língua Pura?*. Neste estudo, Paulino investiga o processo histórico e a historiografia da Língua Brasileira de Sinais (Libras), questionando a pureza da língua em sua formação e desenvolvimento. O autor explora a possibilidade de incrustações linguísticas de outras culturas históricas na gênese da Libras, utilizando referenciais teóricos de diversas áreas do conhecimento de forma transdisciplinar. O artigo oferece uma reflexão crítica sobre o entrelaçamento cultural e linguístico que moldou a Libras, discutindo sua notoriedade no espaço social, cultural, linguístico e educativo. Paulino também destaca a importância dos dicionários como ferramentas fundamentais para contextualizar e analisar a língua, contribuindo para o entendimento da Libras dentro de um contexto historiográfico mais amplo.

Este dossiê, ao reunir uma ampla gama de estudos sobre a Língua Brasileira de Sinais e outras línguas de sinais, reflete a riqueza e a complexidade das pesquisas que têm moldado esse campo de conhecimento. Cada artigo aqui apresentado não apenas contribui para um entendimento mais profundo das estruturas, usos e significados dessas línguas, mas também questiona e expande as fronteiras do que entendemos por linguagem e comunicação. As análises formais, que investigam desde a coesão gramatical até a construção de descrições imagéticas, nos oferecem uma visão detalhada dos mecanismos linguísticos que sustentam a Libras, destacando sua sofisticação e expressividade.

Ao mesmo tempo, os trabalhos que exploram as ideologias linguísticas, as atitudes socioculturais e as epistemologias surdas nos desafiam a repensar as bases teóricas que tradicionalmente sustentaram a linguística, propondo novas perspectivas que valorizam a experiência visual e cultural dos surdos. Essas contribuições nos lembram que a linguagem, em suas múltiplas formas, é um fenômeno profundamente humano, intrinsecamente ligado às identidades e às lutas de seus falantes.

Ao longo deste dossiê, os leitores perceberão que língua, gesto e visão formam uma trilogia essencial que ilumina as atuais pesquisas em linguística das línguas de sinais no Brasil. Seja sobre os funcionamentos estruturais ou sociais das línguas de sinais, analisadas como fenômenos da percepção e expressão humanas, esses estudos demonstram que a linguagem emerge não apenas do som, mas também do movimento e da necessidade visceral de se conectar com o mundo ao redor. Neste sentido, os estudos aqui apresentados reafirmam que, desde o princípio, o gesto e a visão têm sido pilares fundamentais na construção do sentido e na comunicação humana. O movimento das mãos no ar, gesticulando significados, não é meramente uma tradução da palavra, mas uma expressão pura da vida que transborda em sua complexidade e riqueza. Este dossiê, ao explorar as diversas facetas das línguas de sinais, celebra essa origem vibrante e reafirma a importância de continuarmos a investigar e valorizar as inúmeras formas pelas quais os seres humanos expressam e compartilham suas experiências.

Assim, ao olharmos para este conjunto de estudos, percebemos que a linguística das línguas de sinais não é apenas uma extensão das teorias tradicionais, mas um campo vibrante e em constante evolução, que exige de nós um olhar atento e uma mente aberta para os muitos modos de ser e de se comunicar no mundo. Através das páginas deste dossiê, somos convidados a não apenas compreender, mas também a valorizar e defender a diversidade linguística e cultural que essas pesquisas revelam. O que emerge deste trabalho é uma celebração das línguas de sinais e de seus usuários, cuja resiliência e criatividade continuam a expandir os horizontes do conhecimento humano.

Marianne Rossi Stumpf

Ronice Muller de Quadros

Ramon Santos de Almeida Linhares